

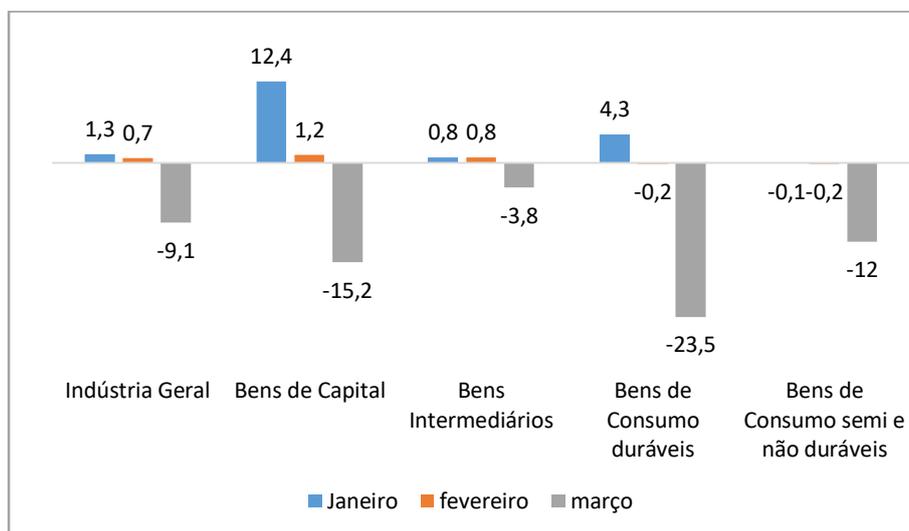
1. COVID-19 E OS IMPACTOS NA INDÚSTRIA BRASILEIRA

Os primeiros efeitos da pandemia da Covid-19 começam a aparecer. Segundo dados do IBGE, a produção industrial total no Brasil despencou 9,1% em março, comparada ao mês anterior. Desta forma, o setor industrial recuou 1,7% no primeiro trimestre de 2020. Vale ressaltar que as medidas de distanciamento social começaram

somente na segunda metade do mês de março, ou seja, o resultado reflete apenas parte do efeito de quarentena pelo Corona vírus.

Nas variações com ajustes sazonais, as maiores quedas ficaram por conta dos bens de consumo duráveis e dos bens de capital, conforme mostra o gráfico 1.

Gráfico 1
Desempenho da Indústria por Grandes Categorias Econômicas¹
Produção Industrial, variação sobre o mês anterior (%)



Fonte: IBGE, 2020.

Elaboração: Subseção DIEESE/SMABC

¹ Bens de Capital: São bens que servem para a produção de outros bens, especialmente os bens de consumo. Ex: máquinas, equipamentos. | Bens Intermediários: Bens manufaturados ou matérias-primas processadas empregadas na produção de outros bens. | Bens de consumo duráveis: bens que não se esgotam no ato da utilização. Ex.: automóveis, eletrodomésticos, roupas, calçado, etc. | Bens de consumo semi e não duráveis: bens que se desgastam aos poucos, devido à sua utilização. Ex.: vestuário e calçados.

Os indicadores econômicos nos meses seguintes devem registrar quedas ainda maiores, com risco de um recorde negativo no desempenho industrial, seja em termos globais como nacionalmente, e dada a interrupção de praticamente todas as atividades produtivas.

Vale ressaltar, que antes mesmo da pandemia, a economia brasileira não apresentava um bom desempenho. No período que antecede a crise sanitária, o país já vinha sofrendo um processo de empobrecimento. As famílias foram duramente atingidas pelo aumento do desemprego e pelas reformas trabalhistas e previdenciária.

Seguramente a retomada da atividade produtiva no Brasil não passa tão somente pelo fim do isolamento social, a redução da renda das famílias brasileiras vai impactar na demanda interna retardando a retomada do setor produtivo.

Por aqui, desde 11 de março de 2020 quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou a Pandemia mundial, o SMABC procurou as empresas da base para dar início às

A rigor, podemos afirmar que o mês de abril praticamente deixou de existir para o setor automotivo.

As vendas internas somaram 59,7 mil unidades e as exportações 7,4 mil unidades, volumes muito distantes das 240,4 e 45,0 mil unidades de abril/2019, respectivamente.

negociações de proteção à saúde dos trabalhadores. Entre 22 de março e 13 de abril, cerca de 45 mil trabalhadores da base ficaram em suas casas; férias coletivas, licença remunerada e banco de horas foram instrumentos negociados entre o sindicato e empresas, naquele primeiro momento de grande incerteza.

Passados quase 60 dias, parte significativa dos trabalhadores continua em casa. Desde o começo de maio o Sindicato negocia novos acordos de redução de jornada e suspensão temporária de contrato considerando a MP 936², ou condições mais favoráveis. Todos os acordos buscam garantir a renda líquida e o retorno seguro dos trabalhadores.

Na semana passada, a ANFAVEA divulgou os resultados de abril/2020, e conforme esperado, os números despencaram a níveis mínimos de produção e vendas. No mês passado, em toda a indústria automotiva do Brasil entre veículos de passeio, caminhões e ônibus, foram produzidas apenas 1.847 unidades, enquanto no mesmo mês do ano passado a produção foi de 267.561 unidades.

² A MP 936/2020, autoriza as empresas a reduzir gastos e jornada de trabalho durante a pandemia da Covid-1. Autoriza também a suspensão temporária do contrato de trabalho

garantindo compensação do governo para uma parcela das perdas salariais do trabalhador.

2. PIB E EMPREGO

Desde janeiro de 2020 o governo federal suspendeu a divulgação dos dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED). A alegação da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho do Ministério da Economia é que as empresas não estão informando os desligamentos.

Mas de acordo com os dados da PNAD Continua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) o desemprego no Brasil subiu no primeiro trimestre para 12,2%, com cerca de 12,9 milhões de trabalhadores desempregados, e uma alta de 1,3 ponto percentual em relação ao trimestre anterior.

Como a maioria das medidas de isolamento social no país ocorreram a partir da segunda quinzena de março, esse aumento no desemprego ainda não captou os efeitos mais drásticos relacionados com a pandemia.

Num momento como esse, não dispomos da ferramenta oficial de aferição mensal dos níveis de emprego, o que dificulta as ações de combate ao desemprego.

Um estudo recente divulgado pelo Instituto de economia da UFRJ³, traz pistas do que podemos ter pela frente. Segundo estimativas, no cenário

considerado pessimista o PIB (Produto Interno Bruto) pode despencar 11% em 2020, enquanto no cenário otimista a redução pode ser de 3,1%, e num cenário moderado a queda seria de 6,4%.

Para todos esses cenários de queda do PIB, projetou-se também o impacto sobre os níveis de emprego: caso o pior cenário aconteça, fecharíamos o ano com redução de 14,7 milhões de empregos. No cenário moderado, a perda estaria em torno de 8,3 milhões de empregos, e mesmo no melhor cenário haveria uma queda estimada em 4,7 milhões de ocupações, sempre relacionadas com o impacto da pandemia.

Nas projeções do DIEESE, divulgada no Boletim de Conjuntura⁴ esboçam-se três cenários: um pessimista, um intermediário e um otimista. As hipóteses desses cenários são os impactos da paralisação em virtude da crise do coronavírus e o tempo estimado para a recuperação da economia, não considerando, portanto, o reflexo de medidas que possam ser tomadas para o enfrentamento da recessão.

³ Disponível em: https://www.ie.ufrj.br/images/IE/home/noticia/s/GIC_IE%20Avaliacao%20Impactos%20C19%20v04-05-2020%20final.pdf, Acesso em: 11 de maio de 2020.

⁴ Disponível em: <https://www.dieese.org.br/boletimdeconjuntura/2020/boletimConjuntura021.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2020

Tabela 1

Estimativas de variação do PIB e aumento do contingente de desocupados (as) no Brasil em 2020 com o impacto da pandemia do coronavírus

	PIB (%)	Aumento no número de desocupados (milhões)
Cenário otimista	-2,1	1,1
Cenário intermediário	-4,4	2,3
Cenário pessimista	-8,5	4,4

Fonte: Estimativas DIEESE

Nas estimativas do DIEESE, no pior cenário teremos um aumento no volume de desocupados na ordem de 4,4 milhões, esse resultado elevaria o número de desocupados no Brasil para 17 milhões de trabalhadores ao fim de 2020. Nos cenários intermediários e otimistas, teríamos um acréscimo no estoque de desocupados de 2,3 e 1,1 milhão respectivamente.

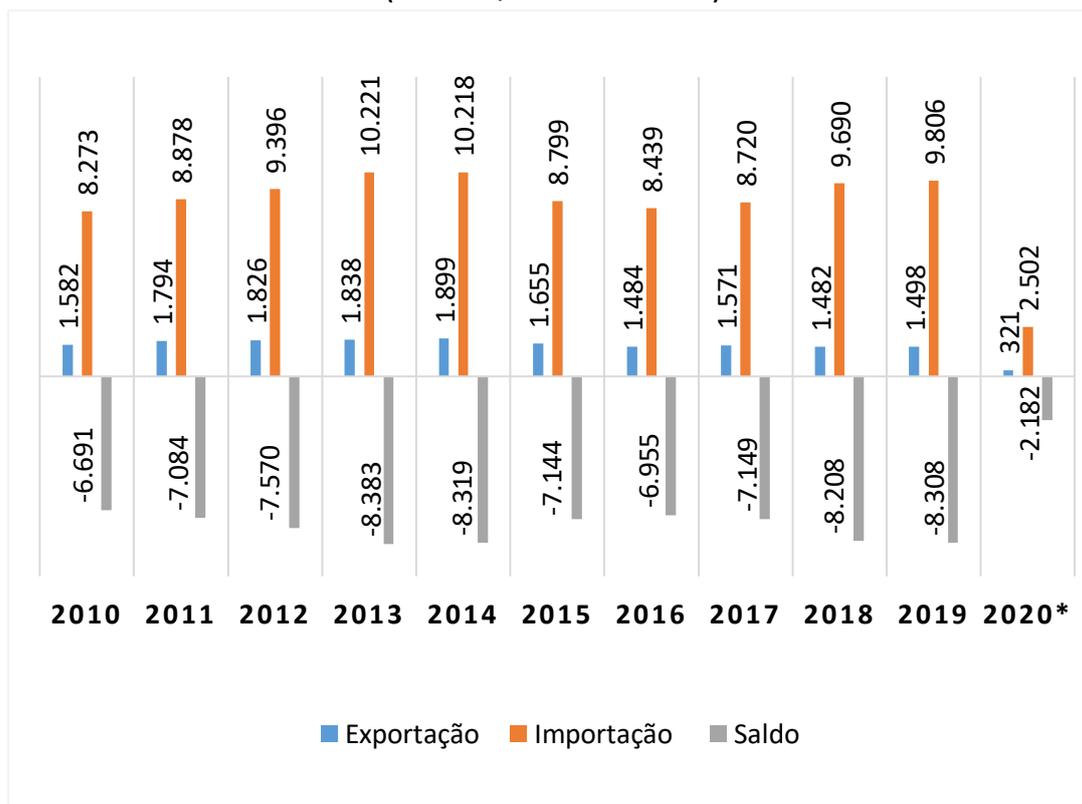
Ambos os estudos, mostram que em qualquer dos cenários, mesmo os mais otimistas, os impactos sobre os empregos serão catastróficos. Mais do que nunca, a situação exige compromisso do governo e das empresas para com a classe trabalhadora, os danos transcendem a questão econômica, precisa ser tratada como uma questão humanitária.

3. Reconversão Industrial

A rápida disseminação da doença no mundo sobrecarregou todo o complexo de saúde, público e privado. As empresas produtoras dos equipamentos médico-hospitalares, como ventiladores, respiradores e dos equipamentos proteção individual (EPI - como máscaras, luvas, aventais, álcool em gel, entre outros) maior parte com produção concentrada na China, não conseguem atender a disparada da demanda global.

Esse episódio jogou luz a um antigo problema do complexo industrial da saúde no Brasil: a dependência de importações dos materiais, insumos e equipamentos voltados ao mundo hospitalar. Não temos capacidade instalada necessária para atender o aumento da demanda, sendo o Brasil um grande importador destes produtos, como mostra o gráfico 2. As importações somaram quase US\$ 10,0 bilhões em 2019, frente a US\$ 1,5 bilhão das exportações, ocasionando um déficit de US\$ 8,3 bilhões.

Gráfico 2
Balança Comercial do Complexo Industrial da Saúde, 2010-2020*
(em US\$ milhões FOB)



Fonte: Comex Stat | MDIC | Elaboração: DIEESE | *até março/2020

O Brasil precisa acelerar sua ampliação da oferta de insumos, componentes e equipamentos médico-hospitalares. Diante das dificuldades de importação e de produção interna destes equipamentos, a reconversão industrial é uma alternativa que precisa ser rapidamente acionada na solução desse impasse. Mas do que se trata a reconversão industrial?

É a rápida transformação de plantas industriais com relativa flexibilidade produtiva e que estejam operando com baixa utilização da capacidade instalada, transformando-as em

unidades produtivas adaptadas emergencialmente para a produção de bens ou equipamentos de primeira necessidade temporariamente escassos. Como mostra a Nota Técnica do DIEESE⁵ 238: Reconversão industrial em tempos de COVID-19: o papel dos governos para salvar vidas.

No Brasil, tivemos poucas iniciativas emergenciais voltadas a ampliar a oferta local dos equipamentos médico-hospitalares. A fábrica da Mercedes Benz em SBC, numa parceria com o Instituto Mauá e a USP, anunciou a produção de um respirador (protótipo)

⁵ Disponível em: <https://www.dieese.org.br/>

de baixo custo. Na Volkswagen, Scania, Toyota, Honda e General Motors estão realizando a manutenção de respiradores e ventiladores pulmonares danificados ou sem uso.

A reconversão de linhas de produção nas montadoras citadas acima tem caráter emergencial, mas não será suficiente para compensar a elevação de demanda em decorrência da pandemia. Mas a médio e longo prazo, outras unidades fabris podem efetivamente reconverter sua produção e reduzir nossa dependência de equipamentos e insumos importados, garantindo maior equilíbrio na balança comercial do setor e no médio ou longo prazo, contribuir para a reindustrialização desse setor no território nacional.

E nessa linha, o SMABC tem trabalhado intensamente. Juntamente com o Consórcio Intermunicipal o sindicato apresentou propostas de reconversão industrial ao governo do Estado de São Paulo, ao Congresso Federal, ao Senado e também ao poder executivo.

O SMABC está participando do Grupo de Trabalho de Reconversão da Região do ABC. E num esforço para nacionalizar componentes de equipamentos médico-hospitalares, o sindicato está dialogando com o setor produtivo, conhecendo as iniciativas das empresas e buscando desenvolver um mapeamento das necessidades de produção e a disponibilidade do parque industrial.

Além disso, o sindicato encaminhou um aditivo no Projeto de Lei 1555/2020 do Deputado Elder Salomão – PT/ES, propondo a utilização de dois fundos federais para custear a reconversão das indústrias.

Por fim, neste contexto de crise sanitária e crise econômica, o caminho é desafiador e muito complexo. Vai nos demandar a serenidade e responsabilidade de sempre, na proteção das condições de trabalho e do emprego, mas sobretudo vai nos exigir a máxima responsabilidade no respeito a todas as vidas humanas.

FICHA BIBLIOGRÁFICA – Título: Boletim informativo – Coletivo de Políticas industriais, nº8 | Autoria: Subseção DIEESE / Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. | Direção Coletivo de Política Industriais: Wellington Messias Damasceno, Marcos Paulo Lourenço, Adalberto de Oliveira, Cristina Aparecida Neves, Kleber Ferreira Nunes, Josivan Nunes do Vale, Eric Oliveira Alves, Marcelo Pereira dos Santos, Rafael Fuke Jobb, Thiago dos Santos Oliveira, André Loureiro Benevides, Gilberto da Rocha, Celso Ricardo de Moura e Santino Braz de Oliveira. Assessoria: Anderson Borges, Célia Rocha Lima, Fredy Cavignato, Hélio da Costa, Luis Paulo Bresciani, Nilton Teixeira, Silvana Miranda, Thamara Marinho, Warley Soares e Zeíra Mara Camargo. | Equipe técnica responsável: Luís Paulo Bresciani; Warley Batista Soares; Zeíra Mara Camargo de Santana; Silvana Martins de Miranda; José Luiz Lei e Antonio Carlos da Silva Lopes.